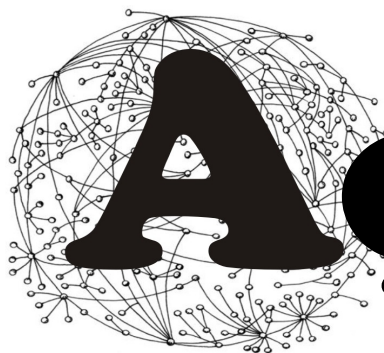




Boletim informativo, Nº 1, Novembro de 2015, Distribuição Gratuita

Publicação solidária dos coletivos: Ativismo ABC, Biblioteca Terra Livre, Centro de Cultura Social e Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri.

EDITORIAL

AÇÃO COLETIVA nasce com a proposta de ser uma publicação anarquista periódica dos grupos Ativismo ABC (Grande São Paulo); Biblioteca Terra Livre e Centro de Cultura Social (São Paulo) e do Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (Baixada Santista)

Desde meados de 2012 alguns coletivos anarquistas iniciaram discussões para criar canais de fortalecimento de suas ações, visando concretizar uma série de trabalhos, atividades e parcerias que os envolva de forma solidária e federativa. Decidiram em reuniões ao longo de três anos que fariam mais do que prestigiar atividades uns dos outros ou organizar eventos em conjunto, mais do que publicar algumas co-edições de obras libertárias... Era chegada a hora de um trabalho concreto e duradouro em prol da difusão das ideias anarquistas: um jornal de grande tiragem e ampla circulação.

A presente publicação é fruto desse processo de conversas e ações coletivas, afinidade de ideais e afinamento de trabalhos conjuntos. Não é um processo concluído nem uma publicação fechada, contudo se realiza a partir de relações políticas estabelecidas e cultivadas por um longo tempo entre os coletivos. O apoio mútuo e a ética anarquista são nossos referenciais de organização e luta.

No primeiro número de AÇÃO COLETIVA apresentamos a história e últimas ações dos coletivos envolvidos. Esta publicação se pretende semestral e de distribuição gratuita, sempre privilegiando a divulgação de textos teóricos e analíticos numa perspectiva anarquista e das atividades dos grupos que fazem parte dessa iniciativa coletiva e solidária.

EXPEDIENTE

AÇÃO COLETIVA, Nº 1, Nov. 2015.

TIRAGEM: 5.000 exemplares.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

CONTATO: Diretamente com os coletivos

ANARQUISMO, QUILOMBISMO, RITMO & POESIA!!!



No ano em que o Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (NELCA) completa 5 anos de existência e uma jornada intensa de atividades com o intuito de difundir o anarquismo e seu ideário e assim colaborar com as novas perspectivas de um outro futuro, iniciamos o ano de 2015 nossa saga no dia 21 de março, realizando no Centro Esportivo Padre Donizete, localizado no bairro Santa Rosa, periferia de Guarujá, mais uma atividade conjunta entre o NELCA e o Santa Rosa Breaker's, foi mais um fim de semana em que o ideário ácrata esteve em ação coletiva com os manos e as minas da Cultura Hip Hop. Nesta data, o tema abordado foi "*Contra o Genocídio da População Negra e Periférica*", ao contrário de outros eventos, como disse o companheiro Buddy X, foi mais uma atividade visando difundir e fortalecer a Cultura Hip Hop e a propagar a construção de possibilidades libertárias de existência além da autogestão como forma de luta e resistência. A ação coletiva teve a fala do companheiro Dennis Tupiassú que explanou sobre os diversos grupos de extermínio existentes e as arbitrariedades cometidas pelo braço fardado do Estado, além de mencionar outras formas de genocídio como o ecocídio, feminicídio, etc. A tarde prosseguiu tendo os grafittis lançados nas paredes, acompanhados do ritmo do rap, Tubarão DuLixo, lança seu livro "*Viver Entre Os Porcos Sem Comer Da Lavagem*", livro este em que apresenta seus poemas transmitindo sua fúria e revolta, poemas são apresentados e a liberdade de expressão é proclamada. A noite vai chegando e são apresentados dois vídeos, um contando um breve histórico do Santa Rosa Breaker's e o segundo sendo o vídeo clipe dos manos do Amarelo & Ritmo Febrozo, rap e samba se mesclando numa ótima canção, unindo estas duas referências da cultura afro-brasileira. Para

finalizar o companheiro Ruivo Lopes faz uma bela fala mesclando anarquismo e quilombismo em sua fala, tendo a autogestão, a auto-organização, os mutirões como referência e as bases das lutas e resistências das populações negras e periféricas no combate ao genocídio, aos aparatos repressores e na possibilidade de uma melhor organização social desta população. Mais uma atividade gratificante, carregada de informação, ampliando o arsenal periférico e fortalecendo os laços de ação e amizade dos coletivos NELCA e Santa Rosa Breaker's.

No mês de abril, ação em movimento, difusão e propaganda ácrata segue sua caminhada. Em meio ao bater de panelas e aos pedidos de intervenção militar por parte de uma classe mérdia falida e arruinada, e certamente historicamente mal informada, nos locomovemos até a Vila do Teatro no centro da cidade de Santos, para uma atividade de reflexão e debate sobre a história da ditadura militar brasileira nos anos de 1960 e 1970, para isso nada melhor do que a conferência, intitulada: "*A Ditadura Militar Brasileira Na Visão De Uma Sobrevivente*", ministrada pela companheira Amelinha Teles, que viveu, militou e sobreviveu aqueles anos de chumbo. Em sua fala Amelinha retratou ações militantes e militares, a participação das mulheres tanto na imprensa feminista, quanto na colaboração destas na luta armada. Fundadora da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, e integrante da Comissão Estadual da Verdade da Ditadura Militar, Amelinha também relatou ao público presente atrocidades e barbaridades realizadas por torturadores e torturadoras lhes passado via coleta de depoimentos, além de sua própria experiência quando esteve presa e submetida a tortura. Postura de contrariedade aos partidos de esquerda no passado e na atualidade também foram mencionados durante sua exposição. Com grande público presente, a Vila ficou cheia, a conferência teve também a contribuição de sua irmã Criméia de Almeida e de nossa companheira Débora Maria, das Mães de Maio, tendo esta última explicado ao público sobre a Comissão da Verdade da

Democracia e os crimes recentes daquilo que ela chama de ditadura continuada, além de contar com a participação do público enriquecendo o debate e a roda de conversas com questões pertinentes e os complementos inquietantes. Após as falas e a intervenção do público, a atividade foi encerrada com a exibição do documentário “*Que Bom Te Ver Viva*” (1989), de Lúcia Murat, que retrata a situação de prisão e tortura vivida por diferentes mulheres durante o período da ditadura militar no Brasil. Entre os diversos depoimentos femininos nesse documentário, encontra-se o de Criméia de Almeida, enfermeira, sobrevivente da guerrilha do Araguaia, foi presa grávida em 1972, teve um filho na cadeia e, conforme mencionado acima, estava presente na atividade, contribuindo com sua experiência militante.

Mais um dia de informação, mais munição distribuída em prol de nossa luta e desejo social criativo e libertário.

Seguindo nossa jornada no dia 27 de junho, prosseguimos nossas atividades, estendendo os locais de semente da semente anárquica para futura colheita libertária. Desta vez a atividade foi realizada na Cinemateca de Santos, tendo como proposta uma experiência prática libertária, com a exibição do documentário: “*Casa da Lagartixa Preta 'Malagueña Salerosa': 10 Anos de Experiências Anarquistas*”, seguido de debate com membros do Ativismo ABC, coletivo responsável pela gestão da casa. Durante sua exposição as companheiras e companheiros realizaram uma abordagem sólida baseada na experiência prática do coletivo anarquista Ativismo ABC, que por mais de 10 anos desenvolve uma experiência prática de autogestão do espaço Casa da Lagartixa Preta, local esse, onde são desenvolvidas várias atividades anarquistas, educacionais, políticas e sociais. Entre os temas expostos e debatidos, destacamos as possibilidades práticas de desenvolver projetos autônomos, a autogestão, a solidariedade, o apoio mutuo, a comunicação não violenta, a resolução de conflitos internos, a responsabilidade individual e coletiva, horizontalidade diagonal com tendência horizontal, hortas urbanas, entre muitos outros assuntos...

Mais uma vez o público presente participou com perguntas, indagações, comentários levando assim ao aprofundamento de alguns temas abordados pelo Ativismo ABC, além de levar a outros.

Em 18 de julho fechamos o nosso primeiro ciclo de atividades de 2015, para esta ação retornamos a nossa sede, a Biblioteca Carlo Aldegheri, onde recebemos e prestigiemos a palestra do companheiro Sérgio Norte, lançando o livro “Anarquismo é Movimento:

Anarquismo, Neoanarquismo e Pós-Anarquismo”, do espanhol Tomás Ibáñez, livro este que teve a tradução do nosso palestrante. Contando com o espaço da Biblioteca lotado, a palestra iniciou com um histórico sobre as raízes do movimento anarquista, detalhando algumas passagens mais emblemáticas da trajetória do anarquismo, ressaltando o caráter plural dessas experiências, chegando até os anos 60 e se aprofundando nas várias formas de atuações anarquistas que surgiram nesse período se estendendo até os dias de hoje. Seguindo esta apresentação, diversos foram os temas apontados e apresentados no decorrer da fala: Sociedade disciplinar, sociedade de controle, zapatismo, movimentos autônomos, movimentos periféricos, modernidade, pós-modernidade, individualismo, coletivismo, Black blocs, cyber ativismo, autodidatismo, autogestão, ação direta, tópicos apresentados, indagados e enriquecidos com a participação dos presentes.

Mais um semestre difundindo o anarquismo, mais um período de caminhadas intensas visando as possibilidades de uma nova mentalidade e de uma nova sociedade.

Lançamento do livro “Anarquismo é Movimento – Anarquismo, Neoanarquismo & Pós-Anarquismo” de Tomás Ibáñez, Editora Imaginário, 2015. Seguido de debate com o tradutor do livro, professor Sérgio Norte. 18 de julho de 2015 (Sábado), às 18:00 horas - ENTRADA GRATUITA



18 de julho - palestra do companheiro Sérgio Norte, lançando o livro “Anarquismo é Movimento: Anarquismo, Neoanarquismo e Pós-Anarquismo”



27 de junho, na Cinemateca de Santos, exibição do documentário: “*Casa da Lagartixa Preta 'Malagueña Salerosa': 10 Anos de Experiências Anarquistas*”



Em abril, conferência “A Ditadura Militar Brasileira na Visão de uma Sobrevivente”, com Amelinha Teles



21 de março, atividade conjunta entre o NELCA e o Santa Rosa Breaker's

Livraria do NELCA

Alguns de nossos títulos para venda, colabore com a manutenção dos Espaços Anarquistas. Leia & Revolte-se:

- João Crispim X Neno Vasco – Anarquistas No Sindicato – R\$ 20
- Tomás Ibañez – Anarquismo é Movimento – R\$ 30
- Durruti - Da Revolta à Revolução – R\$ 35
- Maria Lacerda de Moura – Serviço Militar Obrigatório Para Mulher? Recuso-me! Denuncio! – R\$ 10
- Edgar Rodrigues – Lembranças Incompletas – R\$ 20
- Edgar Rodrigues - Rebeldias - Volume 2 & 3 – R\$ 10 (Cada Título).

Preços não incluem as despesas postais.

Contatos: nelcarloaldegheri@gmail.com

COLETIVO ATIVISMO ABC



O coletivo Ativismo ABC, responsável pela gestão da Casa da Lagartixa Preta, laboratório de experiências anarquistas, foi formado em 2001. Formado inicialmente por jovens ligados ao movimento punk do ABC Paulista e estudantes de Ciências Sociais, o coletivo unia a insatisfação com a esquerda clássica e a busca por uma atuação política prática.

Em seu primeiro ano de atuação o coletivo participou de manifestações junto a outros grupos de São Paulo e do ABC, priorizando ações que tivesse o ABC como foco. Dando continuidade à tradição de lutas operárias da região, a comemoração do 1º de Maio de 2002 foi marcada por uma série de ações do grupo, que incluía distribuição de panfletos com críticas à flexibilização da CLT e um protesto silencioso (e escoltado por seguranças) com cartazes em um shopping center de Santo André.

A data foi marcada por uma intervenção no comício realizado pela Central Única do Trabalhador (CUT), no qual estava presente o então candidato à presidência, Luís Inácio Lula da Silva e outras lideranças do Partido dos Trabalhadores. O grupo que puxava o coro “o povo unido governa sem partido” acabou ficando frente a frente com o candidato com seus cartazes. Isso atraiu atenção dos fotógrafos que estavam no local e contribuiu para que o Ativismo ABC ficasse conhecido na região, atraindo outras pessoas interessadas em fazer parte do coletivo, a maioria oriunda da cena punk local.

Pouco tempo depois a necessidade de possuir um espaço físico e explorar novas possibilidades de atuação política que fossem além das passeatas e manifestações fez com que no início de 2003 o coletivo, que na ocasião contava com cerca de 30 membros, decidissem alugar uma casa. Para angariar fundos para pagar o fiador e os primeiros alugueis foram realizados diversos shows conhecidos como Som Com Causa Pela Casa, que reuniam bandas de diferentes estilos musicais e debates políticos com companheiros de outros movimentos político sociais, como Projeto Meninos e Meninas de Rua, Movimento dos Trabalhadores Sem

Terra, Cooperativa de Bandas Independentes (COBAIN). Entre os temas abordados nesses eventos estavam discussões sobre pedagogia, transporte, habitação.

Em maio de 2004 foi inaugurada a Casa da Lagartixa Preta “Malagueña Salerosa”, após dois meses de reformas realizadas pelos próprios ativistas. Com a inauguração o coletivo deu continuidade à realização de debates, oficinas e grupos de estudo de teatro e artes marciais. Foi criado o Baú de Dádivas (que futuramente se transformaria na Estante de Dádivas), uma forma mais libertária de circulação de objetos (brinquedos, roupas, calçados, peças de computador, badulaques) com a doação e retirada gratuita de itens em bom estado de conservação, sem necessidade de pagamento nem troca.

Na época o pagamento do aluguel era financiado por doações fixas de membros do coletivo, a realização de rifas e pedágios em faróis, além de contribuições de companheiros de São Paulo. Com o passar dos anos a CLP se tornou um meio de diálogo com o bairro. Idosos faziam oficinas de reciclagem e a casa era frequentada pelas crianças filhas dos moradores próximos. Para estreitar esses laços passamos a organizar festas temáticas mais atrativas para estas pessoas, como festa junina, que segue sendo realizada anualmente. Também foram abertos cursos de línguas a custo simbólico ministrados por pessoas amigas ou parentes de membros do coletivo.

A presença de mães e pais no coletivo fez surgir um grupo de estudos de pedagogia libertária (Teshinho). Em outubro de 2004, o Ativismo ABC organizou, juntamente com o Espaço Socialista, o Primeiro Encontro Anti-Capitalista do ABC. A partir de 2006 a CLP passou a ceder o espaço para encontros políticos de outros coletivos cujos princípios políticos estivessem alinhados com as propostas do coletivo, como encontros de culinárias vegetariana e vegana e reuniões do Movimento Passe Livre (MPL). No mesmo ano a CLP recebeu o V Expressões Anarquistas, realizado em parceria com coletivo Fenikso Nigra e libertários de Araraquara.

Desde 2007 parte do coletivo tem se dedicado a se dedicar ao estudo de permacultura, recebendo pessoas do projeto CicloVida e organizando o 1º Fim de Semana Eco-libertário. Neste mesmo ano a CLP recebeu a visita da Traveling School of Life ajudou a fortalecer as discussões sobre pedagogia libertária promovidas pelo Teshinho. As festas para arrecadação financeira passaram a ser mensais. Em 2008, o coletivo participou de mutirões com a Frente Anarquia e Natureza da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ) e com o coletivo Eparreh e parte do

coletivo ajudou na construção da Escola Livre Amanamanha, em Garopaba/SC.

No ano seguinte o Ativismo ABC buscou aproximação com outros espaços autogeridos formando a Coalizão de Espaços Autônomos. Neste período foram construídos o galpão dos fundos e o captador de água da chuva na Casa da Lagartixa Preta e a horta começou a produzir e dar frutos. As noites da pizza passaram a ficar famosas e arrecadar quase a totalidade do dinheiro do aluguel.

Em 2011, reformamos em mutirão nossa biblioteca, passamos a fazer experimentos com construção de bicicletas, mantivemos contato com o futebol anarquista e ajudamos a organizar eventos como o Encontro Latino Americano de Organizações Populares Autônomas (ELAOPA), além de feiras anarquistas.

Hoje o coletivo se declara anarquista, embora sem se filiar a uma corrente específica. A Casa da Lagartixa Preta é vista pelos membros do AABC como laboratório de experimentação libertária, de ajuda mútua e circulação de conhecimentos de forma livre e autônoma. Vemos isto como uma alternativa às instituições capitalistas e estatais que nos cercam, como uma ponte para projetos mais radicais.

Entre as atividades fixas realizadas atualmente na CLP estão os cursos livres de idiomas – Inglês, Francês, Espanhol & Zapatismo, cuidados e estudos relacionados à horta e a pizzada mensal. Além disso diversas outras atividades continuam sendo realizadas no espaço, como exibição de filmes políticos seguidos de debates, discussões sobre tecnologia, eventos em apoio a presos políticos e em solidariedade à autodemarcação e luta por território dos Munduruku e Guarani, terapia comunitária, rodas de conversa sobre anarquismo e a luta negra. Recentemente questões de gênero tem ganhado espaço nas discussões internas do coletivo e nas atividades fechadas só para mulheres, como oficinas de bike e software livre. A casa também voltou a receber a visita de crianças, que conheceram a horta.

O contato com outros espaços permanece importante para o coletivo, que no primeiro semestre de 2015 o coletivo ministrou um curso livre de anarquismo no espaço do PMMR de São Bernardo, no qual foram discutidos temas como zapatismo, antropologia, anarcossindicalismo no Brasil e América Latina, feminismo, tecnologia, a experiência anarquista no AABC, além da apresentação das ideias dos autores clássicos e momentos importantes na história do anarquismo, como a Revolução Russa e a Guerra Civil Espanhola. O AABC também esteve presente na conversa Gestão de Espaços

Autônomos, realizado pelo Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (NELCA) e na I Feira Feminista da Baixada Santista.

Boa parte dessa história, das origens do coletivo influenciada pela Ação Global dos Povos e pelo movimento punk no ABC Paulista, o processo de arrecadação de fundos, aluguel, reforma e gestão da CLP, bem como alguns princípios gerais que norteiam a atuação do coletivo pode ser conferida no documentário “Casa da Lagartixa Preta Malagueña Salerosa: 10 anos de experiências anarquistas”, lançado no primeiro semestre de 2015, produzido por Anarco Filmes, Do Morro Produções e Ativismo ABC.

Site: www.ativismoabc.org
Contato: ativismoabc@riseup.net

O CCS E A ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA



A organização do movimento anarquista, de uma forma ou de outra, sempre foi mote de discussão dentro do movimento, paralelo também a discussão da própria definição atual do movimento anarquista, distanciando um pouco da reminiscência da fase de maior

No Brasil Há mais de 120 anos que os sindicatos de orientação anarquista lutavam pela organização dos trabalhadores, para se fortalecerem e superarem as contradições do sistema de organização capitalista da economia e da política da democracia representativa.

Esses sindicatos de orientação anarquista sempre tiveram como uma de suas preocupações centrais a formação dos trabalhadores. Tal proposta não era somente voluntarista, mas representava uma ideia de formação de um novo “Homem” preparado para uma nova sociedade. Como anarquistas acreditam que os trabalhadores e explorados

de todos os matizes são os mais interessados em superar as contradições da economia capitalista e da democracia representativa e instaurar uma nova forma de vida em sociedade.

Essa superação será resultado do próprio esforço para o aprendizado da organização e dessa organização para lutar sempre e com mais coerência. Os anarquistas acreditam que como trabalhadores tem de aprender para não só não serem dependentes do Estado como ainda criarem formas mais horizontais, autônomas, autogestionárias, solidárias de organização social.

Foi quase que um desdobramento natural o surgimento dos centros de cultura e ateneus como espaços onde a questão do incentivo à educação, à cultura, à organização entre os trabalhadores e nos meios populares seja seu foco central. Iniciativa talvez não tão urgente hoje, mas de cristalina lógica se vista que foi germinada em um tempo que as opções de formação individual não eram dadas pelo Estado e a cultura, recreação e instrução eram preocupações presentes da classe trabalhadora nos sindicatos e nas associações civis da época.

O Centro de Cultura Social fundado em 1933 surge com esse propósito, fomentar entre os trabalhadores e nos meios populares onde existem todos os tipos de limitações à educação e a cultura, considerando ainda o encurralamento por parte do regime de exceção dos governos dos anos vinte do século XX e a sedução (e sedição) das organizações combativas da classe operária pelas seção brasileira da Internacional Comunista, ou PCB, para alguns.

A análise da linha sucessória dessa história é bastante interessante de se ver. Se os primeiros que idealizaram o CCS no início da década de 30, encerraram suas atividades em 1937, também estariam lá na reabertura em 1945, instigando outra geração de jovens que levaram o CCS até 1969, reabrindo-o, estes então, em 1985, recebendo outra leva de outros jovens. O que essa linha contínua dá de aspecto coeso à longevidade da organização, também denota a diferenças de geração dos companheiros que se sucederam.

Também nota-se as diferentes percepções da proposta do CCS nesses anos. Se na década de 1930 ainda se valia da experiência sindicalista, das últimas organizações sindicais não tuteladas e da estratificação urbana baseada em centro urbano, distritos industriais e arrabaldes operários, em 1945, na sua reabertura após a ditadura do Estado Novo, tem um cenário um pouco diferente. Em São Paulo (semelhante também a Rio de Janeiro) há o relato de que a sua reorganização não se deu pelas necessidades prementes de uma classe operária

organizada, mas como uma opção que os antigos militantes, mantidos à distância durante a década passada, lançaram mão para reorganizar o movimento e manter contato com os meios populares por intermédio de um espaço aberto, bem como também com publicação de jornais e revistas. Embora mais opaco que nos anos 1940, processo similar se deu também nos anos 1980. Para todas as ocasiões tem-se algo em comum: uma iniciativa de anarquistas oriundos da organização anterior manterem um espaço de discussão e formação política, notadamente não intitulado, mas reconhecidos por todos, como anarquista, sendo nas três ocasiões, à sua época, elemento marcante e irradiador do movimento anarquista.

Essa proposta baseada num anarquismo clássico pode ser lida mais como uma experiência de resistência que de ação propriamente dita, levando até mesmo a questionar a sua validade atualmente. Vemos contudo que ter um espaço, um grande número de participantes, copiosa atividade ou mesmo inserção junto a todos os movimentos sociais, não foi condição obrigatória para a existência. Se for visto que nos últimos anos, mesmo com alternância de número de militantes e considerando que mesmo sem ter espaço físico próprio por vários anos o CCS manteve-se vivo, nem que fosse esporulado, pode-se considerar que a proposta ainda é válida e longa, sobrevivendo a outras mais aguerridas que surgiram nesse período.

Segundo documento da década de 1980 para alguns o CCS era o braço público de um grupo de afinidades anarquista (político), ou “o CCS é entidade de massa inspirada por anarquistas (...) é definido como sociedade civil legalizada aberta e de massas”. Já recentemente essa percepção alterou-se a ponto de incluir em seus estatutos que o CCS se definiria a partir de então uma entidade anarquista, o que melhor caracterizaria a atual situação, visto que o movimento anarquista é bem mais heterogêneo que de décadas atrás, mas lança dúvida sobre qual então seria a canal de inserção de um agrupamento notadamente cultural na sociedade e no movimento anarquista atual. Ainda mais que o CCS sempre teve entre seus quadros pessoas das mais diversas matizes, desde de anarco-sindicalistas, socialistas, individualistas até democratas, sem necessariamente fechar com qualquer uma dessas tendências, por diametralmente que fossem.

Talvez essa característica de permanente suspensão, que permite o dissenso, sem necessariamente ter que se autodeterminar, possibilitando seus integrantes agirem efetivamente em diversos meios, além da manutenção da proposta original de fomentar o

estudo e a discussão em um espaço aberto a todas as correntes, seja a característica da proposta do CCS e o que possibilita a sua duração frente às animosidades e dificuldades. Uma proposta válida para o movimento anarquista atual.

Resumo das atividades do Centro de Cultura Social, em 2014 e 2015

Em 2014, passaram pelo CCS, em atividades em conjunto com outros coletivos, grandes expoentes do anarquismo contemporâneo; Salvo Vaccaro, Frank Mintz, Hugues Lenoir...

Para debater e aprofundar os debates sobre as jornadas de junho de 2013, o CCS promoveu o ciclo de palestras com as mais diversas visões sobre os acontecimentos de junho/2013, e contou com a presença do MPL, de historiadores, geógrafos discutindo o espaço da cidade, e os movimentos sociais que participaram das jornadas.

Em 2014, ainda, o Centro de Cultura Social, participou de Feiras do Livro Anarquista. Da 1ª Feira do Livro Anarquista da Baixada Santista e da 5ª Feira Anarquista de São Paulo, nas duas representando o próprio espaço do CCS, e ainda comemorando seus recém completos 80 anos (1933), e orgulhosamente representando a Editora Robson Achiamé nos eventos.

Em fevereiro de 2015, tivemos o debate “Escola espaço de resistência: manter o que for possível e rever o que for necessário”, com o professor e membro do CCS Antonio Carlos de Oliveira

Louis Althusser afirma que a escola estatal é um aparelho ideológico que reproduz a ideologia da classe dominante. O companheiro Antonio Carlos afirmou que essa ideologia está voltada para formar um indivíduo consumidor; parodiando René Descartes: “consumo, ostento, logo existo”.

Que para além da dominação, a resistência também existe, do contrário nós mesmos, oriundos da periferia, tendo passado por esse tipo de escola e educação, não estaríamos aqui.

A escola, dependendo dos profissionais que nela trabalham ou, dos alunos que a frequentam, dos responsáveis que os acompanham, do seu contexto/entorno, pode desenvolver outro tipo de discurso e ação que se contraponha ao da classe dominante.

Para que esse discurso e ação contra ideológico se fortaleça é necessário o constante esforço de reflexão crítica. A sala de aula tem de ser um laboratório de pesquisa, o professor um mediador entre o conhecimento socialmente acumulado e o aluno, sabendo

aproveitar todo conhecimento que o aluno já traz da vida para a escola.

O próprio aprendizado de organização a partir do local de estudo que muitas vezes pode também estar associado ao local de moradia pode contribuir para que o jovem perceba a importância dessa organização que poderá ter benefícios em sua vida adulta, quando como profissional se associar com outros trabalhadores para lutar por seus direitos ou como morador de uma determinada localidade busque se organizar para lutar pela conquista de outros direitos e serviços necessários ao bairro.

Os companheiros convidam todos para visitarem sua página no facebook “Escola Enquanto Espaço de Resistência”, ler seus documentos e dentro do possível participar das outras conversas que estão sendo preparadas para serem realizadas no Centro de Cultura Social, Casa da Lagartixa Preta em Santo André e no Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri no Guarujá.

Em março tivemos a aula teatro “Emma Goldman, uma vida libertária”, escrita e interpretada por Cibele Troyano, seguida de um debate entre os presentes.

E o professor de Geografia da Unesp, Amir El Hakim, no mesmo mês, apresentou a palestra “Importância de Kropotkin e Tolstói na crítica ao ensino de geografia” teve como objetivo discutir as críticas à Geografia escolar realizadas por dois importantes teóricos russos: Liev Tolstói e Piotr Kropotkin.

Kropotkin, reconhecido humanista e anarquista, procurou apontar as deficiências que a Geografia tinha no que tange a sua aplicação na escola básica, seja por seu aspecto mnemônico ou por ressaltar nacionalismos e a submissão das chamadas “raças inferiores”. No caso de Tolstói, apontou a sua experiência no projeto escolar realizado em sua cidade natal, bem como, a crítica que o grande escritor russo realizou contra a Geografia encontrada nos manuais escolares da primeira metade do século XIX.

Em parceria com a Biblioteca Terra Livre, ocorreu, em março, a visita do grego Antonis Vradis contando a atual situação social e política da Grécia, e a participação dos movimentos sociais e dos anarquistas na construção de uma nova Grécia. Foi apresentado um curta metragem, “Isto é Atenas”, ilustrando ainda mais a sua visita.

Em abril o Professor Antonio Carlos de Oliveira apresentou o tema “Drogas, prazer, liberdade e doença” e é fato que a questão da dependência de que tipo for: consumo, sexo, tecnologias, comidas, etc. ou a química, independente da substância utilizada, estão entre as graves consequências dessa forma de

organização social, política e econômica alienante, desumana e embrutecedora.

Como afirmou o companheiro Antônio Carlos também é fato que a situação já é de uma pandemia e que as ações governamentais muito mais no sentido da repressão e bem menos da prevenção, se mostram ineficazes. Muitas vezes, suas ações, beneficiam os grandes produtores ou capitalistas que vivem do lucro dessas transações comerciais.

Nessa sociedade a liberdade no discurso é reprimida, “a minha liberdade começa onde termina a sua”, e na prática, é vivenciada de forma irresponsável é um salve-se quem puder, um constante exercício de liberdade irresponsável.

No meio anarquista a liberdade precisa ser apreendida e vivenciada de forma responsável, “minha liberdade somada a sua faz com que ambos, sejamos mais livres”. Não existe a figura de um elemento aceito como mediador entre as ações das pessoas para determinar quanto de liberdade cada um pode exercer.

O companheiro mostrou-se preocupado com o fato de muitos militantes poderem estar fazendo o discurso da utilização de certas substâncias como algo revolucionário, algo “contra o sistema”, sem perceber que dependendo de como esse uso é feito, podem, estar desenvolvendo a doença do alcoolismo ou da adicção (usar mais de uma substância química).

Afirmou ser a favor da completa liberação de tudo, mas que na sociedade em geral e nos grupos anarquistas em particular, deveria existir mais incentivo a estudos e debates sobre o tema para que outros companheiros ou pessoas com quem tenhamos contato quando decidirem fazer as suas experimentações o façam da maneira mais consciente possível.

Perguntou se os companheiros do CCS ou de outros grupos estão preparados para falar com uma pessoa que acham que está perdendo o controle? Se estão preparados, e sabem para onde encaminhá-lo, a quem recorrer, como contribuir para que esse companheiro tenha a atenção necessária para não sofrer isolado e sem apoio. Para que esse companheiro doente não se afaste no processo de tratamento.

Ainda em abril o professor de história, Bertholdo Costa graduado em história e lazer e turismo pela USP, promoveu o debate sobre os aspectos do tempo livre no viaduto Presidente Arthur Costa e Silva (Minhocão).

As manifestações de lazer no viaduto Presidente Arthur da Costa e Silva - Minhocão, construído na região central da cidade de São Paulo na década de 1970, idealizado para o tráfego de veículos. A construção é fechada durante a noite e nos finais de semana, períodos em que acaba sendo utilizado pela

população para práticas esportivas e de recreação.

Os graus de pertencimento que a população apresenta ao local, historiciza o lazer no espaço urbano de São Paulo, principalmente as práticas dos operários das primeiras décadas do século XX, grupos, entidades e organizações que utilizam o espaço para suas atividades.

Em maio e junho, tivemos dois lançamentos de livros, a reimpressão de “Renovação”, da grande escritora anarquista Maria Lacerda de Moura, atividade que contou com a exibição de filme e debate sobre a autora. E a tradução de “Anarquismo é movimento: Anarquismo, neoanarquismo e pós-anarquismo”, de Tomás Ibáñez, feita pela Editora Imaginário, atividade esta seguida da palestra “Anarquismos na atualidade”, com o professor e historiador Sérgio Norte.

Em julho, houve a apresentação por Rodrigo Rosa, integrante da Biblioteca Terra Livre e do CCS, da proposta do coral "Filhos do Povo", interessante projeto de resgatar, tanto historicamente quanto pela prática da sonoridade, dos hinários e canções anarquistas em língua portuguesa. Em agosto, houve discussão e lançamento da revista/ zine “Sobrevidas” nº2 e do livro "Universo Paralelos dos Zines" com os autores Renato Lauris (Nelca/Guarujá) e Marcio SNO, seguida de proposta de continuidade do tema fanzines, até mesmo na forma de oficina na prática se for possível, em outra ocasião posterior. Também com a ideia de oficina prática, foi realizada em setembro palestra de "Orientações básicas para começar a organizar sua biblioteca" com a bibliotecária e integrante do CCS, Lucia Parra, finalizando setembro com o lançamento do livro O Homem e a Terra com seleção de textos de Elisee Reclus, editado pela Imaginário e Biblioteca Terra Livre.

Outubro teve a palestra a Anelise Csapo, militante anarquista feminina sobre o tema atual referente à guerra civil síria "O protagonismo Feminino na revolução Social Curda em Rojava", tendo então programado para o restante de 2015, em 28/11/15, sábado, 16h, a palestra “A guerrilha no Brasil e Angola” com Luiz Maria Veiga.

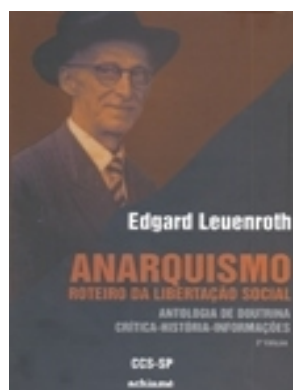
Entre as atividades do CCS realizamos o “Mutirão de organização da biblioteca”, evento aberto que procura catalogar e organizar acervo tão rico sobre o movimento anarquista, sempre uma boa oportunidade de conhecer a biblioteca do CCS, trabalhar um pouco e conversar muito.

Qualquer atividade que seja agendada posteriormente poderá ser acompanhada em nossa página na internet ou facebook.

Livraria

O CCS sempre manteve um serviço de livreria com ênfase nos títulos de cunho anarquista visando disponibilizar títulos que anteriormente não estavam disponíveis nas livrerias comerciais. Com a internet é possível ter acesso aos títulos libertários com mais facilidade. Contudo há a possibilidade de folhear, consultar e adquirir fisicamente em nossa sede nos dias em que há atividades. Também é possível solicitar por email e envio pelos correios. São quase 250 títulos de mais de 30 editoras diferentes.

Também há os títulos editados pelo selo do CCS:



Anarquismo: roteiro da libertação social
-Edgard Leuenroth,;
2007; 208 pag



Do governo dos vivos. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos)
- Michel Foucault,
2011; 188 pag

Biblioteca

O CCS mantém uma biblioteca acessível ao público com diversas obras libertárias dentre outras gerais. A catalogação ainda se encontra em curso, mas há mais de 2.000 títulos cadastrados, anarquistas ou não. Também há um repositório de revistas, jornais e hemeroteca com folhetos diversos, no intuito de compor um arquivo tanto para consulta de estudantes em pesquisas relacionadas ao anarquismo, como também manter a memória do movimento libertário.

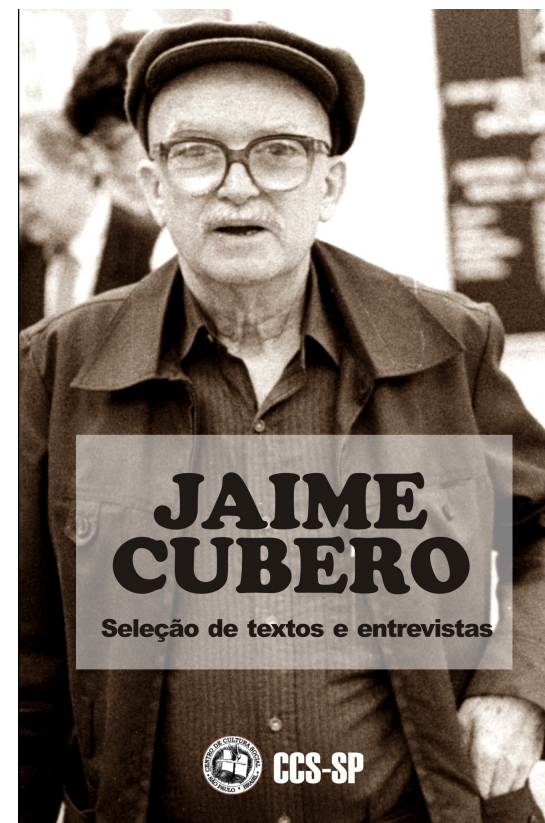
Nesse sentido, recebemos doações de livros e demais materiais relacionados ao anarquismo. Caso queira colaborar, entre em contato por email. Se o material não estiver em São Paulo, pode ser visto a possibilidade de coletarmos via correios, de acordo com o caso.

Apoio

O Centro de Cultura Social é uma entidade sem fins lucrativos, autogestionária e não conta com suporte financeiro externo, ONGs ou de entidades de ensino. Seus trabalhos e a manutenção do espaço que mantemos na região central de São Paulo são custeados pelos associados e simpatizantes que apoiam essa iniciativa de resistência libertária que perdura há anos. Caso queira contribuir para a manutenção do Centro de Cultura Social, pode ser feito depósito na conta abaixo indicada. Solicitamos que informem por correio eletrônico para que possamos dar o devido crédito aos colaboradores.

Banco Itaú – Agência 0211 conta corrente 68704-1, em nome de Centro de Cultura Social.

Lançamento durante a VI Feira Anarquista de São Paulo:



Jaime Cubero: seleção de textos e entrevistas
Jaime Cubero; 2015; 330 pag
Lançamento em breve.

Contatos

Rua General Jardim, 253 sala 22
Vila Buarque (Metrô República)
Correspondências: caixa postal 702,
São Paulo/SP, cep 01031-970
Site: www.ccssp.org
Contato: ccssp@ccssp.org

BIBLIOTECA TERRA LIVRE 5 ANOS DE COLETIVO



História

Em 2004, alguns militantes anarquistas envolvidos nas lutas anticapitalistas em São Paulo, fundaram o *Coletivo Anarquista Terra Livre*. O projeto inicial consistia em divulgar o anarquismo por meio de atividades como o *Colóquio Internacional História do Movimento Operário Revolucionário* (2004) e a *I Feira Anarquista de São Paulo* (2006). O grupo publicou a revista *Protesta!* que realizava análises de conjuntura numa perspectiva radical e propunha novas reflexões práticas e teóricas no campo libertário. Após a publicação de 5 edições o Coletivo se reestruturou e, em 2009, em conjunto com outros grupos autônomos, fundou o *Espaço Ay Carmela!*, centro político-cultural autônomo no centro da cidade. O projeto do *Terra Livre* passou a ser a constituição de um *Centro de Documentação Anarquista*. Com o objetivo de preservar e difundir a memória do anarquismo no Brasil e no mundo e incentivar as lutas do presente, surgiu a **Biblioteca Terra Livre!** Em Outubro de 2010, a Biblioteca mudou sua sede para um espaço independente a fim de viabilizar seus projetos. A partir daí, iniciou-se, de maneira regular, grupos de estudos, atividades públicas de difusão do anarquismo, catalogação dos materiais (livros, revistas, jornais, vídeos, etc.) e mostras de filmes.

Acervo

O acervo é constituído, prioritariamente, por materiais anarquistas e sobre movimentos libertários do Brasil e do mundo. Foi formado à partir de arquivos pessoais de militantes, doações de editoras, grupos e simpatizantes.

Há também publicações de cunho político-social radical nas áreas de história, ciências sociais e literatura. A Biblioteca possui, atualmente, mais de 3000 livros. Reúne centenas de revistas, jornais, cartazes, panfletos, fanzines, filmes e materiais de áudio-visual, caracterizando-se como um acervo multimídia. Nosso objetivo é manter um acervo vivo que gere debates, conversas, reflexões, textos e outras formas de expressão estimuladas pela leitura. Dessa forma, nosso trabalho consiste em construir coletivamente um espaço focado no desenvolvimento do pensamento crítico e no subsídio para a ação coletiva e política por meio de um arquivo que reúna a produção atual dos grupos e movimentos políticos e sociais autônomos e libertários, fazendo um trabalho de registro da memória dessas ideias e práticas. Contamos com colaboração de todos que queiram doar ou depositar seus documentos, produções e materiais para que se mantenha atualizado o acervo de material contemporâneo. Por fim, o que queremos é promover a possibilidade de apropriação e produção de conhecimento coletivo. Acreditamos que a compreensão do mundo e o pensamento crítico de orientação libertária pode gerar a transformação radical da sociedade que desejamos rumo à Liberdade e à Igualdade. Por isso, acreditamos na autogestão e na ação direta de caráter coletivo e social. Os interessados em consultar o acervo podem marcar uma consulta por email. Infelizmente, tivemos problemas técnicos que inviabilizaram a circulação das obras. Portanto, todos materiais do acervo só podem ser consultados no nosso próprio espaço.

Catalogação e digitalização

O processo de catalogação do acervo é realizado de maneira coletiva, por meio de mutirões. Desse modo, pessoas que não fazem parte do coletivo tem o contato direto com as obras do acervo. Porém, infelizmente, o programa de catalogação que adotamos parou de funcionar e grande parte do nosso trabalho de catalogação foi perdido. Assim, a previsão de conclusão da catalogação e, por conseguinte, a abertura da Biblioteca ao público sofreu profundas alterações, atrasando muito mais do que gostaríamos. Atualmente estamos trabalhando na retomada deste trabalho de catalogação que foi perdido para abrir a Biblioteca para consulta pública no primeiro semestre de 2016.

Após concluída a catalogação, nossa próxima etapa de trabalho do acervo será a digitalização. Acreditamos que a difusão e a divulgação de materiais anarquistas é a maior garantia da preservação de nossa memória e a

digitalização amplia em muito o acesso público à importantes obras da história do anarquismo.

Atividades de propaganda

A Biblioteca difunde os ideais anarquistas por meio de atividades públicas e gratuitas de diferentes naturezas:

Debates: promove debates e discussões sobre temas ligados ao anarquismo em espaços, como escolas, universidades, centros culturais autônomos, entre outros. Alguns dos temas: o voto e as eleições; importância educativa de espaços autônomos; o papel das bibliotecas e centros de documentação anarquistas; pedagogia de Reclus e Kropotkin.

Lançamentos de Livros: eventos em parceria com editoras e autores a fim de divulgar e debater a produção de escritos anarquistas, clássicos e contemporâneos.

Grupos de Estudos: nestes últimos anos, a Biblioteca Terra Livre organizou diversos grupos de estudo, com participação aberta ao público. Os grupos até agora criados foram os seguintes: Anarquismo e Educação; Movimento Operário Autônomo; Geografia e Anarquismo; Anarquismo e História; Pensadores Anarquistas; e o **Grupo de Estudos Cinema e Anarquia (GECA)**, que atualmente está em atividade.

Mostra de Filmes: como forma de valorizar a memória e as lutas do movimento anarquista realizamos projeção de filmes seguida de debate temático. Ocorreram vídeo-debates sobre a Comuna de Paris, Francisco Ferrer y Guardia, Educação Anarquista, Sacco e Vanzetti e movimentos populares e autônomos contemporâneos na América Latina e no mundo. Em 2011 e 2012, a Biblioteca Terra Livre organizou um Cineclube. Era formado por mostras de filmes temáticas e semestrais, com uma sessão a cada mês.

Grupo de Estudos Cinema e Anarquia (GECA): O GECA é um grupo de estudos com o intuito de promover discussões sobre a relação entre produções cinematográficas e o pensamento e prática anarquistas. Para além das reuniões mensais do grupo de estudos, o GECA também organiza um cineclube com uma sessão a cada mês. O grupo também produz seus próprios filmes, como o curta **“A mim também me dói”**, de 2014.

Colóquios: Entre 2011 e 2014, a Biblioteca Terra Livre organizou colóquios, com intuito de reunir pessoas, universitárias ou não, que fazem pesquisas sobre anarquismo ou sobre outros assuntos vistos sob uma perspectiva libertária. Os colóquios organizados até agora foram sobre Élie Reclus (2011), Educação Libertária (2012), Ciência e Anarquismo

(2013) e Mikhail Bakunin e a AIT (2014).

Registro e Divulgação: na medida do possível os seminários e debates são registrados em áudio ou vídeo e disponibilizados pelo site para que mais interessados tenham acesso às recentes reflexões de uma perspectiva anarquista.



Feira Anarquista

Retomando a experiência de 2006, quando ainda éramos o Coletivo Anarquista Terra Livre, a Biblioteca Terra Livre passou a partir de 2011 a organizar anualmente a Feira Anarquista de São Paulo. A Feira tem por objetivo reunir coletivos, organizações e indivíduos anarquistas afim de difundir o ideal e de compartilhar as diversas experiências, por meio da exposição de bancas das publicações e dos informativos dos mais diversos grupos e de uma programação com debates, exhibições de filmes, encenações teatrais, entre outras atividades. Neste ano de 2015, a Feira Anarquista vai para sua sexta edição. Mais informações: feiranarquistasp.wordpress.com

Editora

Desde 2011 iniciamos nossa editora, com o objetivo de difundir as ideias e as práticas anarquistas por meio da palavra escrita. Já publicamos os seguintes títulos: **Escritos sobre Educação e Geografia**; **Élisée Reclus: Retratos de um Anarquista** (co-edição com a editora Negras Tormentas); **Geografia Social Austral: la dinámica del anarquismo en Patagonia y la Tierra del Fuego** (co-edição com a editora LaMalatesta, da Espanha e com a editora Eleuterio, do Chile); **Pela Educação e pelo Trabalho**; **Anarquistas no Sindicato**;

debate entre Neno Vasco e João Crispim (co-edição com o Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri); **A Escola Moderna**; e, em 2015, publicamos **O Homem e a Terra: textos escolhidos** (co-edição com a editora Intermezzo e com o Plebeu Gabinete de Leitura). Nossa editora também publica livros infantis, com contos de ótica libertária. É o caso do livro **O Dragão no Reino de Orb**. Em 2015, pretendemos publicar outro livros nesta linha.

Revista

Editamos duas vezes ao ano a **Revista da Biblioteca Terra Livre**, uma publicação digital, com a proposta de ser um meio de informação e de formação política. Portanto, a revista é ampla em seu conteúdo e em sua forma, reunindo artigos, reflexões teóricas, resenhas críticas (de livros, encenações teatrais, filmes), obras literárias (como contos e poemas), assim como ilustrações e artes visuais, todas convergindo dentro de uma perspectiva libertária.

Baixe em: revistabl.noblogs.org

Associação e apoio financeiro

A Biblioteca não conta com nenhum subsídio ou apoio institucional seja do Estado ou de empresas privadas. Nosso projeto é auto-financiado e autogestionário, ou seja, os recursos financeiros necessários para a existência do projeto provém do apoio e da solidariedade dos associados e doadores no Brasil e no mundo. Os associados são os companheiros e companheiras que contribuem com uma quantia, mensal ou anual, de acordo com suas possibilidades. Para associar-se e ajudar a manter a Biblioteca Terra Livre basta entrar em contato por email e realizar depósito na seguinte conta bancária.

001- Banco do Brasil

Agência 3560-2

Conta Poupança 22.536-3

Varição 51

Também são muito bem-vindas doações de livros, assinaturas de jornais e revistas libertários, etc.

Livraria

Outra forma de difusão do ideal e, ao mesmo tempo, arrecadação para sustentação das atividades e manutenção da sede é resultado da venda de materiais (livros, jornais, filmes, etc) de cunho libertário em eventos ou pelo correio. Para consultar nosso catálogo completo de livros à venda, acesse: <http://livrariaterralivre.livronauta.com.br/>

Contatos

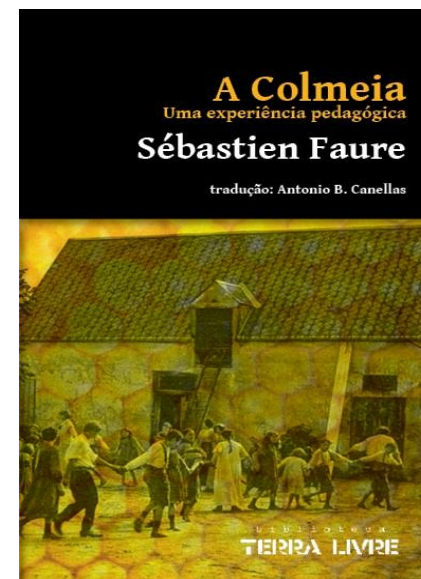
Site: bibliotecaterralivre.noblogs.org/
Contato: bibliotecaterralivre@gmail.com
Pedido de livros: livrariaterralivre@gmail.com
Correspondências: Caixa Postal 195
São Paulo – SP – Brasil – CEP 01031-970

Leitura que recomendamos:

Novas obras em lançamentos durante a VI Feira Anarquista de São Paulo.



A Questão feminina em nossos meios, Lucía Sánchez Saornil, 116 p, **R\$ 25,00**



A Colmeia – Uma experiência pedagógica, Sébastien Faure, 166 p, **R\$ 30,00**

Outras obras disponíveis:

- *Pela Educação e pelo Trabalho e outros escritos, Adelino Tavares de Pinho, **R\$ 30,00**
- *Anarquistas no Sindicato: debate entre Neno Vasco e João Crispim, **R\$ 20,00**
- *A Escola Moderna, F. Ferrer y Guardia, **R\$ 30,00**
- *O Homem e a Terra, Élisée Reclus, **R\$ 72,00**
- *O Dragão no Reino de Orb, F. Zenoni, **R\$ 10,00**
- *Escritos de Educação e Geografia, Kropotkin/Reclus, **R\$ 20,00**